

**UNIJUÍ – UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO RIO
GRANDE DO SUL – UNIJUÍ – CAMPUS SANTA ROSA**

CURSO DE PSICOLOGIA

LAURA SOUZA MALAQUIAS

**A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO NA ATUALIDADE: ENTRE A
FELICIDADE E O MAL-ESTAR**

SANTA ROSA

2023

LAURA SOUZA MALAQUIAS

**A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO NA ATUALIDADE: ENTRE A
FELICIDADE E O MAL-ESTAR**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial
para conclusão do Curso de
Graduação em Psicologia da
Universidade Regional do Noroeste
do Estado do Rio Grande do Sul –
UNIJUÍ.

Orientador(a): Prof.^a Ms. Iris Fátima
Alves Campos

SANTA ROSA

2023

**UNIJUÍ – UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO RIO
GRANDE DO SUL – UNIJUÍ – CAMPUS SANTA ROSA**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Trabalho de Conclusão de Curso:

**A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO NA ATUALIDADE: ENTRE A FELICIDADE E O
MAL-ESTAR**

Elaborado por

LAURA SOUZA MALAQUIAS

Como requisito parcial para a obtenção do título de psicóloga

Comissão Examinadora: Ms. Carolina Baldissera Gross

Orientadora: Ms. Iris Fátima Alves Campos

Santa Rosa/RS.

“O que busco na fala é a resposta do outro. O que me constitui como sujeito é minha pergunta” (Lacan, 1998, p. 301).

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família por todo o apoio nessa etapa tão significativa da minha vida, em especial a minha mãe Janete por me incentivar a buscar fazer aquilo que me realiza enquanto pessoa e futura profissional, por sempre acreditar no meu potencial e me dar forças quando nem eu sabia que tinha. Você é minha fortaleza e minha fonte de maior inspiração, sem você nada disso seria possível!

Agradeço ao meu amor, companheira e melhor amiga Suzana, por estar comigo desde o início do meu percurso acadêmico até aqui, por não medir esforços para me auxiliar, me ouvir e me confortar nessa etapa tão importante e desafiadora. Você foi e é essencial na minha vida!

Agradeço a minha orientadora Iris Campos pelos encontros e trocas, por me acompanhar de forma presente na construção deste trabalho, compartilhando suas experiências profissionais, bem como norteando-me com indicações de leituras e na organização de ideias. Suas contribuições foram fundamentais neste percurso!

Agradeço a professora Carolina Gross por ter aceitado o convite para participar como membro de minha banca examinadora, aliás, não poderia escolher ninguém melhor para compô-la, visto que devo grande parte da minha ideia e composição de escrita aos espaços ricos de ensinamentos e trocas que proporcionastes neste percurso acadêmico. És uma profissional admirável!

Agradeço aos meus amigos e colegas pelos inúmeros momentos de trocas e aprendizados, vocês fizeram parte desse percurso e lhe atribuíram ainda mais importância. Levarei cada um em meu coração!

Ainda, agradeço aos membros integrantes da Unijuí, em especial aos professores(as) que passaram e contribuíram de alguma forma para minha formação acadêmica. A vocês, meus sinceros agradecimentos!

RESUMO

O presente trabalho visa abordar os desdobramentos subjetivos que o sujeito é capaz de produzir frente ao sistema capitalista atual, onde está inundado pelo discurso sensacionalista e alienante, cujos efeitos podem colocá-lo enquanto peça de um sistema que se retroalimenta, inferindo o gozo ilimitado acima das restrições precursoras do desejo, sendo este que o move. Nesta pesquisa bibliográfica buscou-se considerar o sujeito atravessado pelo social e seu processo de estruturação perpassado pela História. Para isso, foi necessária a compreensão dessa passagem desde sua forma mais primitiva à civilizada que se encontra nos dias atuais, configurada enquanto cultura do consumo, passando a investigar a influência que esta exerce sobre o sujeito, bem como as particularidades presentes na forma de subjetivação. Cabe mencionar a atualidade do tema devido ao acelerado ritmo dos processos sociais. A modo de conclusão, não busca-se apresentar uma solução frente ao consumo excessivo, mas instiga-se a pensar um caminho de enfrentamento apostando em uma possibilidade de se promover o (re)aparecimento do sujeito do desejo. Isso posto, percebe-se que o tema não se esgota visto a relevância da temática em um todo e as possibilidades de abertura para além das desenvolvidas na presente escrita. A revisão acerca da temática ocorreu por meio de análise do material científico já elaborado através da revisão bibliográfica em livros e plataformas *online*, bem como outros materiais de apoio, buscando em grandes pensadores da contemporaneidade, incluindo os da teoria psicanalítica como Sigmund Freud e Jacques Lacan enquanto interlocutores para vieses interpretativos de sua composição.

Palavras-chave: Consumo. Discurso capitalista. Falta. Gozo. Psicanálise. Sujeito.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. DO PRIMITIVO AO CIVILIZADO	10
1.1 Civilização e culpa	11
1.2 Civilização e desamparo.....	15
1.3 Civilização e sofrimento.....	17
2. A CULTURA DO CONSUMO E SEUS DESDOBRAMENTOS	22
2.1 A Sociedade do consumo	22
2.2 O discurso da sociedade do consumo.....	25
2.3 Sujeito contemporâneo e o consumo.....	31
2.4 Consumir ou consumir-se?.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44

INTRODUÇÃO

Durante o percurso acadêmico diversos são os temas abordados, discutidos e estudados, todavia, de maneira subjetiva, alguns despertam interesse e interrogam mais que outros. Sob esta perspectiva, o desenvolvimento do presente trabalho de conclusão de curso visa abordar o processo de constituição do sujeito em meio ao sistema capitalista atual e os desdobramentos propiciados pelo seu discurso sensacionalista e alienante no seu processo de subjetivação.

O interesse em compreender tal temática despertou com a disciplina Psicodinâmicas Institucionais, e intensificou-se a partir da disciplina Aspectos sociais do Sintoma, que compõem a grade do curso de Psicologia da Unijuí. Por meio do andamento desta última, um espaço rico de ensinamentos e trocas foi aberto, instigando a pensar para além da constituição do sujeito enquanto um ser social, os possíveis impactos que o sistema capitalista tem no processo de subjetivação e sustentação de seu desejo, na medida em que se vende por esse sistema a ilusão de felicidade e satisfação por meio do consumo excessivo, de modo a tamponar a falta constituinte e fundamental.

Por conseguinte, indaga-se quanto ao lugar ocupado pelo sujeito, de acordo com a concepção oriunda da Psicanálise segundo a qual se constitui como dividido e desejante, e esta condição se articula a um tempo em que se está bombardeado por falsas promessas de completude e satisfação. Haja vista, a atualidade do tema devido ao acelerado ritmo dos processos sociais.

Para sua composição, a pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa buscou os grandes pensadores da contemporaneidade, incluindo os da teoria psicanalítica como Sigmund Freud e Jacques Lacan, enquanto interlocutores para vieses interpretativos, considerando que toda leitura é feita a partir de alguma perspectiva teórica para que possa concretizar-se (MORAES, 2003). A revisão bibliográfica foi realizada em livros e plataformas online como *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO), Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC), Google Acadêmico, bem como vídeos e um documentário enquanto material de apoio.

Ademais, a modo de estruturação desta produção, buscou-se em um primeiro momento compreender a constituição do sujeito enquanto ser social, na passagem que vai desde a sua forma mais primitiva à civilizada. O capítulo

intitulado “Do primitivo ao civilizado” retorna-se a concepção freudiana dos primórdios da humanidade, a partir do seu mito parricida, onde se apresenta a culpa enquanto precursora da civilização. A vida em sociedade, passou a exigir do sujeito o recalçamento de desejos e pulsões individuais em prol do coletivo, mas nunca sem efeitos. Ao longo do capítulo é apresentado o sujeito constituído enquanto faltante e desamparado, submetido a uma lógica cultural que o coloca em constante mal-estar, buscando evitar o sofrimento por meio de subterfúgios temporários.

O segundo capítulo intitulado “A cultura do consumo e seus desdobramentos” propôs investigar a influência que o sistema capitalista exerce sobre o sujeito da atualidade, bem como as particularidades presentes na forma de subjetivação frente às ofertas de preenchimento e completude que perpetuam no discurso que vigora e dita as regras. No contexto contemporâneo, o confronto com a falta fica ainda mais difícil, o progresso cada vez mais acentuado da produção em massa que lança com seus novos produtos e gadgets a ideia de que a castração será cessada e o mal-estar sucumbido, resultando na proliferação do consumismo caracterizado por hábitos de adquirir objetos de maneira compulsiva sem qualquer planejamento e de maneira excessiva. O capítulo é escrito apoiado na teoria lacaniana do discurso capitalista para compreender a lógica de atração por consumo que se expande e perpetua, influenciando o sujeito (já entendido e falado como consumidor) que passa a ser uma mera mercadoria, que de tanto consumir passa a consumir-se, objetificando seus próprios corpos em uma busca insaciável de alcançar o inalcançável.

Por fim, discorre-se acerca das considerações finais onde se busca assinar em nome próprio quanto ao entendimento da temática abordada, bem como esclarecer o caminho que se percorreu para chegar a tal entendimento, tendo por objetivo não dar soluções, mas instigar a pensar um caminho de enfrentamento ao consumo excessivo.

1. DO PRIMITIVO AO CIVILIZADO

O estudo acerca do sujeito implica em considerá-lo em sua subjetividade, cuja estrutura atravessa a história da humanidade e continua a se construir em cada momento histórico. Com o intuito de compreender a estruturação do sujeito enquanto um ser social, torna-se necessário circular pela sociedade, desde a sua forma mais primitiva a civilizada.

Retorna-se a um tempo em que um único macho detinha o poder sobre toda uma horda. A ele era dado o livre e exclusivo acesso às mulheres, desfrutava das melhores fontes de alimentação, além de ter posse das melhores terras. Aos filhos, outros machos adultos, restava a privação livre de contestação, na medida em que eram submissos ao mais forte (AMARAL, 2019).

A organização social nessa época era dada por este macho, chefe e líder de sua horda, onde qualquer insatisfação precedia o uso força e poder. Para que pudesse romper com essa partilha desigual, o insatisfeito teria de desafiar o chefe para um duelo, onde o mais forte ocuparia o lugar de líder da horda, desfrutando da liberdade instintiva e todos os privilégios do posto (AMARAL, 2019).

Os filhos,

enfurecidos diante do gozo pleno do pai em detrimento de uma economia pulsional por parte deles – vislumbram uma alternativa: voltar-se contra os desmandos desse pai tirânico e assassiná-lo (AMARAL, 2019, p.231).

A decisão de rebelar-se contra o pai tirano passa a ser um movimento coletivo e não apenas de um opositor, dando lugar a cumplicidade e irmandade dos envolvidos em um ato para um bem em comum (AMARAL, 2019).

O pai detentor do poder é assassinado pelos próprios filhos, os quais devoram o seu corpo, visto que, na tradição totêmica os rituais envolviam sacrifícios dos animais sagrados seguidos de sua ingestão para que pudessem, de alguma forma, consagrar sua morte (FREUD, 1913-1914). A refeição totêmica marca o ápice do mito parricida freudiano. Enquanto comem a carne durante a refeição totêmica, dividem a culpa em uma comunhão entre si, visto que tamanha atitude não seria realizada em uma dimensão individual, e a fim de livrar-se do ato ao introjetar características do todo poderoso, pai primordial. Contudo, “apesar do ritual antropofágico realizado com a carne paterna e do estabelecimento de laços

fraternais, nenhum dos filhos consegue ocupar o lugar faltoso” (AMARAL, 2019, p. 231).

A impossibilidade de ocupar o lugar do pai, dá lugar a implementação de um sistema de direitos, onde não mais regula-se pela força, mas segue agora regida por algo ainda mais influente, “o espectro do pai morto e o rastro de culpa pela sua morte” (AMARAL, 2019, p. 231).

1.1 CIVILIZAÇÃO E CULPA

O sentimento de remorso dos filhos em relação ao assassinato do pai primordial é descrito como resultado da ambivalência dos sentimentos em relação ao pai. Os filhos o odiavam por ser o único que poderia desfrutar de todos os privilégios, mas também o amavam. Após a satisfação do ódio por meio do ato de agressão, o amor passa para o primeiro plano no remorso dos filhos pelo ato cometido. Esse remorso cria o Superego¹ por meio da identificação com o pai e estabelece restrições para evitar a repetição do ato.

O sentimento de culpa persiste nas gerações seguintes, tornando-se cada vez mais forte à medida que a agressividade é reprimida e transferida para o Superego. Portanto, o remorso dos filhos em relação ao assassinato do pai primordial é descrito como uma das origens do sentimento de culpa, marcando a passagem para a civilização (FREUD, 1930-1931).

Em “O Mal-estar na civilização” publicado em 1930, Freud discorre sobre o desenvolvimento da civilização, a qual se apresenta como uma criação humana, oriunda da renúncia das pulsões individuais em prol do coletivo. Uma vez que entra como uma tentativa de controlar e restringir os impulsos e desejos humanos tidos como naturais e antissociais, a civilização visa a preservação e manutenção da ordem social. Para isso, troca-se o interesse individual pelo coletivo, o poder pela justiça: a lei uma vez criada, não pode ser violada a favor de um indivíduo.

A vida em sociedade requer então que as pessoas reprimam seus desejos e pulsões individuais em prol do convívio social e da ordem estabelecida. Além da

¹ Superego ou Supereu é o conceito criado por Sigmund Freud para designar uma das três instâncias da segunda tópica, juntamente com o EU (EGO) e o ID. A nomenclatura muda conforme o tradutor do texto freudiano. Sendo que aqui opta-se por usar os termos Superego, Ego e Id. O Superego mergulha suas raízes no Id e, de uma maneira implacável, exerce as funções de juiz e censor em relação ao Ego (ROUDINESCO, 1998).

renúncia à satisfação sexual, a civilização também demanda a renúncia de outros impulsos naturais, como a agressão, a busca pelo poder e a busca por prazer imediato. Esses sacrifícios são entendidos como necessários para a convivência em grupo e para a manutenção da ordem social (FREUD, 1930-1931).

A civilização passou então a ser um processo peculiar experimentado pela humanidade, que envolve modificações nas disposições pulsionais dos seres humanos. Ao ser construída sobre uma renúncia, pressupõe-se também a não-satisfação dessas pulsões poderosas. Todavia, a tentativa de privar um pulsão de satisfação não é feita impunemente e pode resultar em sérios distúrbios se não for economicamente compensado. Esse não é um processo fácil, tampouco sem consequências. Daí se explica grande parte da frustração e hostilidade contra a qual os civilizados têm de lutar.

Para o autor,

Os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes instintivos² deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade (FREUD, 1930-1931, p. 117).

A agressividade enquanto uma inclinação pulsional original e permanente nos seres humanos, se expõe como maior perturbador da civilização. Isso porque a sociedade civilizada está constantemente ameaçada de desintegração devido a hostilidade primária entre as pessoas e inerentes a elas. Assim como existe um Eros (amor), existe também uma pulsão de morte e destruição, que se nada for feito, pode levar à desintegração social, indo em direção oposta ao que visa a civilização, preservação e manutenção da sociedade (FREUD, 1930-1931).

A civilização precisa fazer um esforço supremo para estabelecer limites às pulsões agressivas e controlar as manifestações do homem, valendo-se de formações psíquicas reativas - mecanismo de defesa do Ego que transforma um desejo inaceitável em seu oposto - como uma maneira de lidar com seus conflitos internos. Uma vez que, os seres humanos possuem uma vigorosa quota³ de agressividade em sua natureza o que os leva a tentar satisfazer essa agressividade nos outros, podendo acarretar em problemas grandes o suficiente para a civilização (FREUD, 1930-1931).

² A citação é fiel a tradução da editora Imago.

³ O termo adotado para escrita é fiel a tradução da editora Imago.

Uma parcela dessa agressividade é então inibida, na medida em que se serve das fraquezas (ser descoberto) e do potencial destrutivo do próprio ser humano (ser agressivo), para consigo e com os outros. É por meio da tensão que o Superego sujeita o Ego, que o sentimento de culpa advém. Na apropriação desse sentimento, a civilização enfraquece até dominar o desejo de agressão, uma vez que é instituído em seu interior um agente para o cuidar e vigiar (FREUD, 1930-1931).

Logo, uma nova autoridade assume o poder. Como uma “guarnição em uma terra conquistada” (FREUD, 1930-1931, p.130), o Superego, agente crítico da consciência, tem como função manter a vigilância sobre as ações e intenções do Ego e julgá-las, exercendo sobre ele um tipo de censura.

O perigo que este agente representa ao sujeito, é de uma ordem ainda maior que a sentida perante ao pai (agente externo). Aqui o medo de ser descoberto por seus desejos e prazeres mais proibidos cai por terra, na medida em que nada pode ser escondido dele. Para ele a intenção equivale a ação, colocando o Ego em um impasse, onde de qualquer forma será punido (FREUD, 1930-1931).

Sujeito a severidade do Superego individual, este Ego também é submetido ao Superego cultural. Com origem semelhante ao primeiro, o Superego cultural considera as relações entre os seres humanos sobre os preceitos éticos. Não está suficientemente preocupado com os fatos da constituição mental, presume que o Ego tem domínio ilimitado sobre o Id, podendo ordená-lo sem questionar sua capacidade de execução (FREUD, 1930-1931).

Nessa lógica, enquanto tudo ocorre bem a consciência permanece apaziguada, por assim dizer, todavia, quando não está indo bem, o Superego cultural aumenta suas demandas e expectativas em relação ao Ego. Isso significa que este agente se torna ainda mais severo e crítico, elevando as exigências de sua consciência. Essa elevação das exigências pode levar a um aumento no conhecido sentimento de culpa (FREUD, 1930-1931).

Nas palavras de Freud,

O efeito da renúncia instintiva⁴ sobre a consciência, é que cada agressão cuja satisfação o indivíduo desiste, é assumida pelo Superego e aumenta a agressividade deste (contra o ego) (1930-1931, p.134).

⁴ A citação é fiel a tradução da editora Imago.

Toda renúncia à pulsão, ou seja, a supressão ou negação dos desejos e impulsos, se torna a base para o desenvolvimento da consciência. À medida em que ocorrem novas renúncias, a severidade e intolerância da consciência aumentam. Isso significa que quanto mais uma pessoa renuncia suas pulsões, mais rígida, crítica intolerante a consciência se torna em relação aos próprios desejos. Logo, essa renúncia às pulsões é uma parte essencial na construção da civilização, mas também pode levar ao sentimento de culpa e sofrimento psicológico (FREUD, 1930-1931).

A origem do sentimento de culpa é atribuída a duas fontes: o medo de uma autoridade externa (pai) e o medo da autoridade interna (Superego). A primeira fonte refere-se à renúncia às satisfações pulsionais, ao passo que ao efetuar a renúncia nenhum sentimento de culpa, supostamente, recai sobre o sujeito (não perde o amor); enquanto a segunda ao mesmo tempo que exige a renúncia, exige também, a punição devido à continuação dos desejos proibidos que não podem ser escondidos do Superego (FREUD, 1930-1931).

Além disso, o sentimento de culpa é uma expressão do conflito entre os sentimentos ambivalentes em relação ao pai primordial, a quem é dirigido a hostilidade e depois, redimindo-se, colocado em lugar de lei, como visto na conflitiva entre pais e filhos conhecida como Complexo de Édipo.

Nesse sentido, vale ressaltar que o sentimento de culpa está relacionado à consciência de duas maneiras: Como expressão do que foi posto acima, onde após a agressão contra o pai ser satisfeita, o remorso surge nos filhos em relação a essa ação, criando o Superego pela identificação com o pai e estabelece restrições para evitar a repetição da agressão. Já na outra maneira em que está relacionado, o sentimento de culpa surge quando uma pessoa comete uma ação que é considerada errada ou má (sob os preceitos éticos). Esse sentimento de culpa é chamado de remorso e pressupõe que a consciência já existia antes da ação ser praticada (FREUD, 1930-1931).

Logo, o remorso tem relação direta com a 'consciência de culpa' em relação a um ato específico que foi cometido, ele próprio é uma punição ou pode incluir a necessidade de punição, como pode ser visto na ambivalência primordial de sentimentos para com o pai, que cria o Superego como punição pelo ato agressivo dos filhos, acarretando no remorso em forma de punição (FREUD, 1930-1931).

A convivência em comunidade exige, então, a instauração de uma contenção de suas mais puras pulsões pelo sentimento de culpa. O processo civilizatório, se faz possível através da consciência de culpa e seu vigilante Superego, que a cada nova renúncia eleva suas exigências exigindo também a punição por via do remorso, na medida em que considera as relações sobre preceitos morais e éticos.

De acordo com a proposta Freudiana,

os indivíduos são capazes de aderir a normas éticas e de viver em civilização porque contam com um aparelho psíquico capaz de organizar as pulsões que devem ser renunciadas, procurando dar-lhes outros destinos possíveis (JUNQUEIRA; COELHO, 2005, p. 107).

Para o autor, diferentemente do que pensam os filósofos, os preceitos éticos e morais não são inerentes ao sujeito, mas sim criados a partir e por conta da vida em civilização, justificando-se por conta da necessidade de controle da natureza e da agressividade humana, regulando também suas relações (JUNQUEIRA; COELHO, 2005).

1.2 CIVILIZAÇÃO E DESAMPARO

A natureza não exigiria restrições da ordem das pulsões como a civilização, todavia, possui seus próprios métodos de repressão. Apresenta uma força majestosa, cruel e inalterável que ameaça a humanidade em todos os seus tempos. Expõe os seres humanos a perigos que vão de catástrofes a doenças e o enigma da morte, que não pode ser evitada. Evidenciando, cada vez mais, o quão desamparado é o sujeito frente a sua potência, imprevisibilidade e falta de controle que tem sobre ela (FREUD, 1927).

Segundo Macêdo, em sua releitura dos escritos de outros autores:

O homem ergueu a civilização em uma tentativa de diminuir seu desamparo diante as forças da natureza, dos enigmas da vida e, sobretudo, da própria morte. O termo desamparo nos lança à condição de falta de auxílio e à experiência de estar fora de algum sistema de proteção. Essa vivência geralmente é anunciada e acompanhada de uma intensa angústia. É algo do ser humano que nos ronda e nos confronta com a nossa condição de incompletude e de fragilidade que indica o desamparo fundamental (MACÊDO, 2012, p. 101).

O desamparo enquanto condição humana, é considerado uma vivência prototípica dos estados traumáticos e causadores de angústia, sendo a base do desespero do ser humano, do nascimento à morte, diante da precariedade de sua existência. Em um estado próximo ao trauma, está ligado ao estado de impotência. Ele mantém-se relacionado a um lugar infantil, como o que o recém-nascido experimenta ao ser exposto, enquanto corpo biológico, aos perigos que o externo lhe apresenta (aniquilamento e destruição), na medida em que é incapaz de cuidar de si mesmo, dependendo completamente da relação com o outro para suprir suas necessidades (MACÊDO, 2012).

O desamparo, em uma dimensão erótica sexual, está relacionado com o que é vivido pelo real do corpo, onde o nascimento proporciona as primeiras situações de perigo que este organismo desamparado experimenta, à mercê do externo, evidenciando a necessidade de proteção e cuidado. Com a entrada no mundo a criança é submetida a angústia como produto do desamparo psíquico, diante de uma situação traumática, que segundo a Macêdo (2012), estão presentes três elementos, sendo eles: “a ansiedade diante do perigo de perda, o desamparo e a impotência para lidar com a situação” (p. 103).

Na mesma medida que se apresenta em uma dimensão individual, o desamparo, também pode ser entendido a um nível coletivo. A segunda dimensão do desamparo na teoria freudiana diz de uma renúncia pulsional, o mesmo que discute-se enquanto condição necessária da vivência civilizada em sociedade. Com a falta de garantias experimentadas pelo sujeito quanto a sua existência e seu futuro, o desamparo o leva a renúncia pulsional em prol da sociedade, não mais atendendo a interesses individuais, mas objetivando a coletividade, como visto ao transcorrer desta presente construção quanto uma das principais condições da passagem do primitivo ao civilizado. Logo, esta dimensão nas palavras de Macêdo (2012) está “ligada ao processo civilizatório e o mal-estar decorrente da impossibilidade de satisfação pulsional, tornando o sujeito moderno duplamente desamparado” (p. 94).

Compreende-se então que independente de um estado primitivo ou civilizado, o sujeito não está livre do desamparo e do sofrimento. Visto que, sobre as lentes da Psicanálise, o sujeito é um ser estruturalmente desamparado, submetido a uma lógica cultural que lhe coloca em constante mal-estar e na ilusão de uma completude ao alcançar a dita felicidade plena. Como expressa o autor em

“Mal-estar na civilização”, “nossas possibilidades de felicidade sempre são restringidas por nossa própria constituição, já a infelicidade é muito menos difícil de experimentar” (FREUD, 1930-1931, p. 85).

Nesse mesmo texto, Freud (1930-1931) coloca que ao questionar qualquer sujeito sobre a finalidade de sua vida, certamente a sua resposta seria a felicidade, buscando por ela, para assim permanecer. Logo, tal aspiração, tem por um lado a vivência de sensações intensas de prazer e por outro, a ausência de desprazer.

Vale ressaltar, neste sentido, que quem controla o propósito da vida, é o princípio do prazer, o qual domina o aparelho psíquico desde o início, orientando o sujeito em direção ao que mais lhe convém em termos de prazeres. Assim, o objetivo principal deste princípio, está na busca pela satisfação imediata das necessidades, preferencialmente, de forma repentina (FREUD, 1930-1931)

Observa-se então que o princípio do prazer está em desacordo com o mundo, pois todas as normas do universo são contrárias a ele. Logo, segundo Freud (1930-1931), a intenção de ser "feliz" não está incluída no plano da "Criação", ou melhor, que a busca da felicidade não está intrinsecamente ligada ao propósito da existência humana estabelecida. A felicidade descrita e a qual se conhece no sentido restrito da palavra, deriva da satisfação de necessidades reprimidas, no entanto, essa satisfação é possível apenas como um fenômeno episódico e não como algo que se mantém. Do contrário, quando prolongada, produz um sentimento de satisfação muito breve e raso.

Sendo assim, os esforços do princípio do prazer em obter prazer pela felicidade são limitados frente às restrições da realidade. Logo, pode-se entender que o princípio do prazer sob a influência do mundo externo transforma-se em princípio da realidade, tendo como principal objetivo não mais obter prazer, mas evitar o sofrimento (FREUD, 1930-1931).

1.3 CIVILIZAÇÃO E SOFRIMENTO

Ao tratar de sofrimento humano, Freud (1930-1931) coloca este como parte inevitável da vida humana, assim como a infelicidade, que é mais fácil de experimentar do que a felicidade, como visto anteriormente. O sujeito passa então a moderar as reivindicações de felicidade sobre a pressão de fontes de sofrimento.

Por conseguinte, o autor cita três principais fontes de sofrimento, sendo elas: a fragilidade dos corpos, a força da natureza e a relação com o outro. A primeira fonte é o próprio corpo, que está condenado à decadência e dissolução, não podendo evitar o sofrimento, ansiedade, e muito menos a morte. Mesmo que já tenha se demonstrado que estes últimos são inerentes ao ser humano, tenta se evitar a todo custo. Aqui, métodos que procuram influenciar o próprio organismo são considerados os mais interessantes para evitar o sofrimento. Isso envolve agir sobre os impulsos pulsionais e dominar as fontes internas de necessidade. Logo, o uso de substâncias tóxicas servem como meio de “ajuda”, na medida em que ‘amortecem as preocupações’ e entregam em seu lugar sensações prazerosas (FREUD, 1930-1931).

A natureza, conhecida também como mundo externo, marca a segunda fonte. Esta pode se voltar contra os homens com sua força de destruição impiedosa, incontrolável e imprevisível, como visto nas mais diferentes catástrofes às quais a sociedade está sujeita, vendo-se desamparados frente a elas. E claro que dela também tenta defender-se, seja por afastamento, o que é factível, seja com a tentativa de assujeitamento desta com ajuda da ciência, o que é possível apenas parcialmente, não garantindo a segurança total contra ela (FREUD, 1930-1931).

Como terceira e última fonte de sofrimento, estão os relacionamentos com os outros em meio ao mundo externo. A esta se destaca como a geradora de maior mal-estar a qual se pode experimentar, na medida em que envolve complexidades e desafios emocionais subjetivos. Segundo o autor, o sofrimento proveniente das relações sociais pode ser mais penoso do que qualquer outro tipo. Isso pode ocorrer devido à fragilidade dos relacionamentos, às regras que regem as interações humanas na família, no Estado e na sociedade, e à dependência emocional que pode se desenvolver em relação aos outros. Além disso, considerando que a civilização depende de relacionamentos entre um grande número de indivíduos, este passa a ser um ponto de grande preocupação visto os conflitos, hostilidade e dificuldades de relacionar-se em que se vive passiva e ativamente. Tentar defender-se aqui, torna-se possível somente pela via do isolamento total, o qual, por si só, apresenta suas próprias dificuldades (FREUD, 1930-1931).

Observa-se então, que o sujeito, influenciado pelo mundo externo, agora passa da busca desenfreada de satisfação, para a tentativa de evitar o sofrimento. Outra possibilidade descrita no texto para “libertar-se” desse sentimento, seria por

meio do controle da vida pulsional. Nesta perspectiva a sublimação vem para reorientar os objetivos pulsionais de maneira que eludam a frustração do mundo externo, na medida em que, faz um descolamento da energia libidinal⁵ para outras áreas da vida mais aceitas, por assim dizer. Portanto, o deslocamento da libido possibilitado pela sublimação, está diretamente relacionado com a capacidade de redirecionar os impulsos e desejos para outros fins, permitindo que a energia libidinal seja canalizada de forma produtiva e criativa - o que não é possível para todos (FREUD, 1930-1931).

Vale ressaltar que aqui a meta de satisfação não é abandonada, mas sim redirecionada. Nesse processo, as pulsões são mantidas sob dependência e controlados pelos agentes psíquicos superiores (Ego e Superego), que estão sujeitos ao princípio da realidade e que atuam como controladores dessas pulsões, garantindo uma certa proteção contra o sofrimento. Dessa forma, embora a total satisfação das pulsões não seja alcançada, a não satisfação não é tão dolorosamente sentida como no caso das pulsões desinibidas⁶ (FREUD, 1930-1931).

As tentativas de livrar-se, ou melhor dizendo, evitar a ameaça desprazerosa que é o sofrimento, não param por aqui. A ilusão, segundo o autor, é outro procedimento com intenção de tornar o ser humano independente do mundo externo, todavia, em níveis mais intensos, indo mais longe com a distensão do vínculo com a realidade. Nele segundo Freud,

a satisfação é obtida através de ilusões, reconhecidas como tais, sem que se verifique permissão para que a discrepância entre elas e a realidade interfira na sua fruição. A região onde essas ilusões se originam é a vida da imaginação; na época em que o desenvolvimento do senso de realidade se efetou, essa região foi expressamente isentada das exigências do teste de realidade e posta de lado a fim de realizar desejos difíceis de serem levados a termo (1930-1931, p. 88)

Através da imaginação, as pessoas podem experimentar prazeres e consolação na vida, especialmente através da fruição das obras de arte, mesmo que estas proporcionem apenas um afastamento temporário das pressões das

⁵ No texto *Mal-estar na Civilização*, Freud (1930-1931) aponta que a produção de prazer é intensificada a partir do trabalho intelectual para onde é redirecionada essa libido tornando o indivíduo menos dependente do mundo externo, na medida em que se pode satisfazer com processos intelectuais internos.

⁶ Pulsões estas que segundo Freud (1930-1931) são livres e sem restrições do Ego.

necessidades vitais, não sendo suficientemente fortes para fazer esquecer a aflição real (FREUD, 1930-1931).

A religião inclui-se nesse contexto, como uma ilusão coletiva classificada como um delírio em massa. Freud (1927) argumenta que as religiões são tentativas de obter certeza de felicidade e proteção contra o sofrimento por meio de um remodelamento delirante da realidade.

Cabe ressaltar que Freud (1927) considera a religião como uma ilusão porque acredita que ela é construída sobre desejos e fantasias humanas, e não tem uma base objetiva na realidade, não possuindo fundamentos empíricos, funcionando mais como uma herança passada de geração para geração pelos antepassados.

Diferenciando de uma mentira, o autor entende a religião como uma força social muito importante, na medida em que desempenha grandes serviços a civilização, em especial com o domínio das pulsões antissociais. Com seus mandamentos, como por exemplo, o “Não matará o próximo”, inibe a pulsão agressiva para com o outro - assim como faz, a partir de sua função como ilusão, com que a vida seja mais tolerável através de suas consolações (FREUD, 1927).

O sentimento religioso tem suas raízes no sentimento de desamparo infantil e no anseio pelo pai, que despertam a necessidade de proteção. Essa necessidade intensa de proteção é transferida para uma figura divina, que é percebida como um pai ilimitadamente poderoso. Logo, a religião oferece uma ilusão reconfortante de um poder superior que cuidará da sua vida e frustrações, como uma forma de garantia, na tentativa de não cair em desamparo (FREUD, 1927).

Considerando o exposto até aqui, pode-se entender que recorre-se à religião enquanto ilusão como uma forma de escapismo da realidade e uma negação das limitações e do sofrimento inerente à existência humana. Aliás, quem não quer ser livre do sofrimento, amparado frente às incertezas e angústias da vida?

A realidade experimentada coloca à prova a afirmação de que se está muito mais próximo da infelicidade do que a tão almejada felicidade. Daí se explica um pouco mais da grande parcela de culpa despejada na civilização, quanto ao sofrimento e frustrações dos seres humanos, marcando uma longa e duradoura insatisfação para com ela. Em que mesmo com as diversas citações da vida primitiva e sua severidade, ainda se cogita o retorno a essas condições.

Nesse sentido, o argumento espantoso e incontroverso de Freud (1930-1931) torna-se indispensável,

(...) seja qual for a maneira por que possamos definir o conceito de civilização, constitui fato incontroverso que todas as coisas que buscamos a fim de nos protegermos contra as ameaças oriundas das fontes de sofrimento, fazem parte dessa mesma civilização (p. 94).

Para lidar com as imprevisibilidades da vida e a força da natureza que o ser humano construiu a civilização. A civilização oferece proteção e benefícios contra as ameaças enfrentadas, e abandoná-la significa abrir mão dessas proteções (religião como função civilizatória). Apesar de suas falhas e objeções, é insustentável pensar em melhores condições de vida sem sociedade (FREUD, 1930-1931).

Considerando o exposto até aqui, cabe questionar: Será que a vida seria tão mais bela ignorando a existência da realidade, a qual coloca o sujeito constante mal-estar e na ilusão de uma completude ao alcançar a dita felicidade plena? Talvez apenas mais suportável com a implementação de alguns mecanismos de defesa como subterfúgios temporários.

2. A CULTURA DO CONSUMO E SEUS DESDOBRAMENTOS

Considerando a passagem da sociedade primitiva à civilizada e seus efeitos, este capítulo dedica-se a investigar o sujeito contemporâneo, desamparado e faltante, frente à lógica do sistema capitalista e suas ofertas de preenchimento e completude. Para isto, fará uma composição buscando em grandes pensadores da contemporaneidade, incluindo os da teoria psicanalítica, enquanto vieses interpretativos para investigar a influência que este sistema exerce sobre o sujeito na atualidade, bem como, as particularidades presentes nas formas de subjetivação.

No contexto contemporâneo, o confronto com a falta fica cada vez mais difícil, e tal dificuldade pode ser devido à fantasia de que é possível prever a vida e seus desejos, além de satisfazer-se e alcançar a tão almejada felicidade plena. Sabe-se, entretanto (a partir das contribuições de Freud, discorridas no primeiro momento da escrita), não ser possível tal plenitude.

Vale ressaltar que, do ponto de vista psicanalítico, o sujeito é constitutivamente faltante e cuja falta original é impossível de ser tamponada e preenchida. Portanto, a busca pela satisfação completa cai por terra, haja vista, a parcialidade pulsional (FERRO, et al. 2022).

Nesse sentido, passa-se a pensar o sujeito faltante, em meio a um tempo em que o capitalismo contemporâneo vigora e dita as regras, seduzindo-o com o seu discurso sensacionalista, na medida em que lança a ideia (em forma de gadgets⁷ e produtos), de que a castração será cessada e o mal-estar sucumbido, na mesma medida em que garante, a partir do consumo, alcançar a felicidade e de certo modo o livramento do desamparo fundamental.

2.1 A SOCIEDADE DO CONSUMO

Quando se fala em consumo, compreende-se que se trata da utilização de um produto ou serviço com a finalidade de satisfazer a alguma ou algumas necessidades, a fim de satisfação pessoal ou de determinado grupo. Há produtos de primeira necessidade para prover a vida de um sujeito, razão pela qual ele não pode

⁷ Segundo estudos de Teodoro et al. (2019): Especialmente para a Psicanálise, *gadget* se refere “a um objeto de consumo curto e rápido” (QUINET, 2002, apud, TEODORO et al., 2019, p.4). Tal objeto, por ser decorrente do capitalismo, na maioria das vezes é descartável e substituível (TEODORO et al., 2019).

eximir-se de obtê-lo, consumi-lo. Há, porém, excesso. A este dá-se o nome de consumismo, caracterizado por hábitos de adquirir objetos de maneira impulsiva, sem qualquer planejamento e de maneira excessiva (MOURA, 2018).

Com a chegada do período da Revolução Industrial, no século XVIII, ocorreram mudanças determinantes em âmbitos sociais, econômicos e tecnológicos, passando a alterar a lógica do consumo (MOURA, 2018).

A Revolução Industrial expandiu as opções no tocante ao consumo em massa, alterando os costumes referentes a adquirir bens. O êxodo rural, durante o período de industrialização, intensificou as mudanças na sociedade, na medida em que as necessidades a serem supridas, frente ao aumento de população urbanizada, se modificaram (MOURA, 2018).

A produção rural e artesanal foram superadas, dando lugar às relações de produção burguesa com a Revolução Industrial. Na sociedade industrial e urbana,

caracterizada pela atividade produtiva exterior ao quadro familiar, pela divisão técnica do trabalho, pela acumulação de capital e pela orientação para o crescimento econômico por meio da produção em larga escala (TEIXEIRA; COUTO, 2010, p. 584).

O que antes, em âmbito rural, era executado e produzido de forma artesanal para consumo básico, passa a ser produzido por meio de economia de maquinofatura⁸, alavancando ainda mais a produção. Logo, a produção de bens em escalas além do necessário, teve como consequência o aumento do consumo. Ao passo que,

O mesmo sistema que cria a mercadoria é o que cria a demanda, pois se há uma produção em massa, se faz necessário que também se tenha um consumo em massa (PEREIRA et al., 2019, p. 5).

Novas técnicas de produção advindas do avanço tecnológico marcam as particularidades da sociedade industrial. Em um sentido contrário ao que se esperava desta época, Lacan (1969-1970) ressalta que a Revolução não trouxe a melhoria de vida como se pretendia, ao invés disso instaurou a ilusão de distribuição igualitária de gozo por meio do acesso aos produtos (1969-1970, apud, TEIXEIRA; COUTO, 2010).

Pereira et al. (2019), ao tentar analisar o fenômeno do consumo na atualidade, a partir de estudos de alguns especialistas, evidencia a existência de

⁸ In: DICIO, Dicionário Online de Português pode-se entender “maquinofatura” como a ação de produzir artefatos através da utilização de máquinas.

mecanismos que patrocina o consumo em excesso e o endeusamento do objeto de consumo. O imaginário do proletariado⁹ e das classes baixas é um desses mecanismos, onde passam a acreditar na necessidade de consumo em quantidade e qualidade dos mesmos objetos consumidos pelas classes altas (PEREIRA et al., 2019). Uma vez que os sujeitos situados economicamente nas classes proletárias mostram a mesma dinâmica psíquica daqueles situados nas classes altas. Todavia, aqui há um limite, um tanto quanto desviável em alguns casos, que se define enquanto capacidade econômica - poder pagar por.

Como aponta Bauman (2008), na atualidade, o capitalismo da produção cede seu lugar ao capitalismo do consumo, evidenciando na sociedade atual que “as pessoas valem não pelo que têm, mas pelo que consomem” (2008, apud, PENA, 2017, p. 75). O consumismo passa a ocupar um lugar central, haja vista, a dinâmica da sociedade de consumidores.

Nessa mesma lógica, Lacan (1969-1970) reconhece o funcionamento deste capitalismo enquanto uma sociedade de consumo, onde “os trabalhadores se tornam um material humano, tão consumível quanto os produtos” (BADIN; MARTINHO, 2017, p. 150).

Assim, como aponta Badin e Martinho (2018) quanto ao pensamento de Lacan (1969-1970) a mais-valia¹⁰ passa a ser utilizada e acumulada enquanto produção de lucro de um investimento do próprio sistema econômico, visando lucrar cada vez mais em cima do proletariado. Ao passo que, a sociedade do consumo passa a ter sentido quando o ser humano é qualificado enquanto mais-de-gozar¹¹, termo que Lacan equivale a mais-valia passando a ser equiparado a mais um produto colecionável da indústria. O proletariado, com sua força de trabalho, acaba por tornar-se um material humano, mas um material humano ativo, produtor dessa

⁹ Termo utilizado para designar a classe social dos que vendem sua força de trabalho. Para Pena (2017) “Os consumidores são os proletariados buscando recuperar a perda de gozo” (PENA, 2017, p. 79).

¹⁰ Segundo a interpretação de Pena (2017) quanto ao conceito utilizado: “a mais-valia em Marx é uma ideia extremamente perspicaz sobre o mecanismo de exploração do capitalismo; desvela seu funcionamento naquilo que é seu modo de expropriar o trabalho do proletariado” (PENA, 2017, p. 76). O conceito em questão, será desenvolvido com profundidade no seguimento do texto.

¹¹ O conceito seguinte, o mais-de-gozar, “é uma formulação lacaniana que teve como esteio teórico para sua articulação, além do próprio campo da psicanálise, a teoria econômica proposta por Marx para analisar as relações de produção, principalmente, no que se refere a seu entendimento da mais-valia” (PENA, 2017, p. 76). Para Lacan, o mais-de-gozar, desdobrado mais adiante neste trabalho, “constitui um resto, impossível de simbolizar, por pertencer a uma estrutura real, mas enquanto função está ligado à renúncia ao gozo” (PENA, 2017, p. 77).

sociedade, na medida em que “é impulsionado pelo mandamento de trabalhar mais para produzir mais” (BADIN; MARTINHO, 2018, p. 150).

Logo, trabalhando mais para produzir mais, o sujeito acaba trabalhando para adquirir capital e “comprar tudo que as vitrines oferecem, assim baseia-se o sistema capitalista” (BADIN; MARTINHO, 2018, p. 151). Dessa forma, é possível destacar no discurso do capitalismo uma certa transformação, no tocante a sua estrutura e estética, que passa a adquirir, com os adventos da pós-modernidade, fluidez, passando de um discurso unicamente de produção, para um “conjunto ideológico que se retroalimenta” (PEREIRA et al., 2019, p.2). Tomado por todas as formas de instituições sociais, esse discurso do capitalismo passa a ser único e hegemônico, impera sobre toda uma era.

2.2 O DISCURSO DA SOCIEDADE DO CONSUMO

Para que se possa melhor evidenciar as questões que mobilizam essa sociedade do consumo, utiliza-se da proposição lacaniana do discurso do capitalista, engatado na teoria dos discursos, os quais propõem-se a organizar o laço social (PEREIRA et al., 2019)

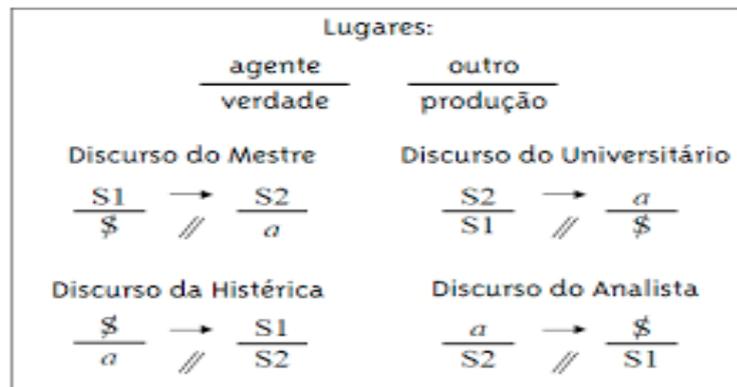
No “Seminário 17 – O avesso da psicanálise” (1969-1970), ao se deter ao sujeito em relação com o social, Lacan propõe o estudo dos quatro discursos (do Mestre, da Histórica, do Analista e Universitário), utilizando-se de matemas algébricos para representar uma estrutura sem palavras que evidencia modos de uso da língua como forma de vínculo social. Formados por uma estrutura que faz um quarto de giro, em sentido progressivo ou regressivo, todos os discursos têm em sua composição quatro elementos¹², sendo eles: **S1** - o significante-mestre, o significante pelo qual os outros significantes são ordenados; **S2** - o saber constituído enquanto cadeia significante; **a** - objeto **a**¹³, mais-de-gozar, condensador de gozo e

¹² Segundo Badin e Martinho (2018): “Um ano após discorrer sobre os quatro discursos, em um seminário intitulado O Saber do Psicanalista (1971-1972), Lacan renomeia alguns lugares desses discursos. No lugar do agente, ele propõe o semblante; no lugar do outro, ele situa o gozo; no lugar da produção, ele coloca o mais-de-gozar; a verdade, se mantém na mesma posição. Afirmo ainda, que alguma coisa nesta estrutura foi alterada no percurso da história. Essa alteração centraliza-se no fato de que o mais-de-gozar passou a ser contabilizado e, então, começou o que se chama de capital” (BADIN ; MARTINHO, 2018, p. 149).

¹³ Segundo Ducker (2016) em uma interpretação do conceito de objeto **a** por Lacan, este é o objeto que viria no lugar do objeto perdido de uma primeira e suposta satisfação completa. O objeto **a** é tanto causa de desejo quanto objeto mais-de-gozar. Como causa de desejo, corresponde ao objeto

causa-do-desejo, objeto inatingível do desejo e o \$ - o sujeito barrado pelo significante, aquele que fala, o sujeito falante; Tais elementos são distribuídos nos lugares de: **agente**, do **Outro**, da **produção** e da **verdade**, os quais mantêm entre si uma ordem, uma circulação, onde conforme o elemento que ocupar o lugar, altera sua posição discursiva enquanto discurso do Mestre, da Histórica, do Analista e Universitário (LACAN, 1992 [1969-1970]).

Figura 1: os lugares nos discursos.



Fonte: LACAN (1992 [1969-1970]).

Nessa estrutura, o agente produz um outro (quando eu falo, falo pra alguém) e disso se tem produto que é sustentado por uma verdade. E mais, a verdade não é acessível ao agente, somente por intermédio do outro, ou seja, o agente do discurso produz um outro que revela algo/devolve algo sobre o agente que fala¹⁴.

Para Badin e Martinho (2018),

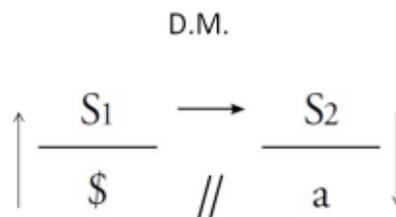
O agente (dominante) organiza a produção discursiva, domina o laço social, é o que movimenta o discurso. O outro (dominado) é aquele a quem o discurso se dirige; é necessário à execução, precisa do agente para se constituir. A produção é o efeito do discurso. A verdade sustenta o discurso, é o lugar necessário para ordenar a função da fala (BADIN; MARTINHO, 2018, p. 143).

perdido, desde e para sempre, da plena satisfação; como mais-de-gozar, é o objeto da angústia e objeto alvo – e efêmero – da satisfação pulsional (DUNKER, 2016).

¹⁴ Parágrafo de compreensão a partir da disciplina Aspectos sociais do sintoma, que compõe a grade do 8º Semestre do curso de Psicologia da Unijuí, currículo 2015, ministrada, na época, pela Mestre Carolina Baldissera Gross.

Na figura 2 apresenta-se o matema com o discurso do Mestre,

O discurso do mestre



Fonte: BADIN; MARTINHO (2018).

A respeito desse potente discurso,

quem ocupa o lugar do agente é quem tem o poder, que se relaciona com os seus "outros". Na posição de dominante, o mestre autoriza-se partir da subjetividade, pois, por "baixo" de seu cargo há um sujeito – \$ no "lugar" da verdade – que o encobre. Em seu ato de comandar ele espera de seus subordinados a produção de algo, como um objeto ou uma tarefa que lhes são preciosos, pelo objeto a, mais-de-gozar (BADIN; MARTINHO, 2018, p.144).

Os discursos são construídos de forma cronológica partindo do tradicional discurso do mestre, formalizado a partir da dialética hegeliana, senhor e escravo (TEIXEIRA; COUTO, 2010), sobre o qual também pode-se pensar o inconsciente do castrado - exemplo: na relação de pai e filho, para estar no lugar do pai ele precisa ocupar o lugar de castrador, o filho se torna faltante e fica no lugar de escravo e que por medo de algo, abdica do lugar, de objeto a, como escravo pela vida. Aqui, o sujeito em um lugar de verdade diz do que não pode aparecer, esconde o fato constituinte de que é um sujeito castrado e dividido (DUNCKER, 2017).

Vale ressaltar que os discursos são laços sociais caracterizados pela relação com o impossível que mudam de aspecto na medida em que o laço social vai se alterando (DUNCKER, 2017). Logo, os discursos seguem uma lógica que se aplica perfeitamente enquanto relações sociais, justamente por apresentarem furos e impossibilidades por onde se vaza um sentido - No discurso do mestre a impossibilidade se coloca em sustentar um lugar, pois também é castrado, falha e tem a falta como constituinte; no discurso da histérica está em dominar o significante mestre; no discurso do analista em achar respostas que dão conta de anular o sofrimento, e no discurso do universitário em saber tudo e sobre tudo. Organizados em duas famílias, o discurso do mestre e do analista dizem de uma

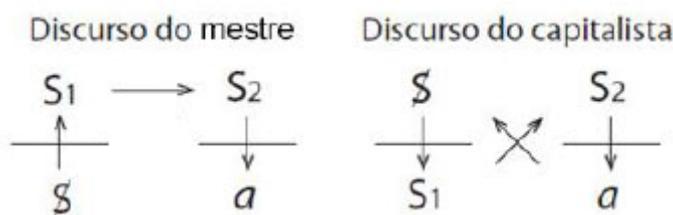
impossibilidade, enquanto o discurso da histórica e do universitário são caracterizados por sua impotência (DUNKER, 2017).

Ainda no “Seminário 17: O avesso da psicanálise”, Lacan (1969-1970) menciona uma mudança que confere ao discurso do mestre um estilo capitalista (1969-1970, apud ROSA, 2010). De acordo com Rosa (2010): “esse estilo, tributário de uma pequena inversão entre o significante e o sujeito, será suficiente para constituir o que ele denominará, em “*Televisão*”, Discurso do Capitalista” (ROSA, 2010, p. 167).

No ano de 1972 em uma Conferência em Milão, Lacan (1969-1970) dissertou acerca do discurso do capitalista, o qual já havia introduzido anos antes, em seu seminário descrito acima. No conteúdo da conferência, o autor alerta que esse não se trata de um discurso como os outros, não têm o mesmo funcionamento e não entra na lógica social, o que o faz um pseudo discurso (BADIN; MARTINHO, 2018). Além disso, enquanto a sua estrutura, “o que se opera entre o discurso do senhor antigo e o senhor moderno, que se chama capitalista, é uma modificação no lugar do saber” (1969- 1970, apud, BADIN; MARTINHO, 2018, p. 148).

Pode-se pensar nessa lógica, que a predisposição dialética do mestre, diz de uma força, de um poder dominante como se fosse completo. No seu deslizamento, assumindo o comando, o discurso capitalista apresenta possibilidades, promessas e garantias de completude, forclui a castração, a qual o mestre encobre enquanto verdade.

Figura 3: O discurso do capitalista.

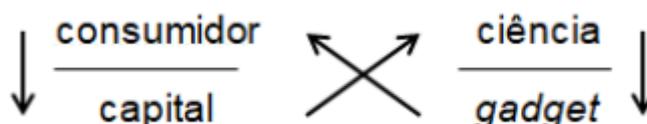


Fonte: BADIN; MARTINHO (2018).

Ao observar os discursos lado a lado, é possível identificar uma torção nos elementos. O sujeito barrado passa ao lugar de agente, o saber ao lugar do outro, enquanto o objeto a, mais-de-gozar, encontra-se no lugar de produção, e como verdade o Significante mestre. Nessa nova “disposição discursiva”, o saber (S2)

passa a ser o da ciência/tecnologia e o Significante mestre (S1) enquanto poder, poder do capital. Não há então, relações entre os sujeitos (capitalista e proletariado), a relação é do saber com os objetos para o sujeito faltante, ou seja, o sujeito não se dirige ao saber para produzir objeto (a), mas ao saber científico para entender e produzir objetos desejáveis (BADIN; MARTINHO, 2018).

Figura 4: os giros nas posições.



Fonte: BADIN; MARTINHO (2018).

Logo, o discurso não pode ser legitimado, ao passo que não faz laço, “O único laço que o sujeito faz, então, é com o objeto a, objeto-causa-do-desejo: o gadget – fruto do casamento entre o capital e o saber científico” (PEREIRA et al., 2019, p.4).

Seguindo a imagem da ordem que opera na distribuição dos lugares, o sujeito consumidor nesse discurso,

impulsiona o capital o qual determina a ciência e a tecnologia e faz com que se produza um gadget com o qual o sujeito se identifica e se relaciona. O que distingue de fato o discurso do capitalista é a rejeição que ele induz, rejeição da falta inerente ao sujeito haja vista sua castração. Talvez por este motivo, ele seja tão atraente (BADIN; MARTINHO, 2018, p. 149-150).

Nesse sentido, segundo Badin e Martinho (2018), Freud postula em 1925 as três profissões impossíveis, sendo elas: governar, educar e curar¹⁵, como formas de relacionamentos. Lacan toma estas formulações anos depois para a construção da formulação sobre os discursos, incluindo o seria uma quarta profissão dita impossível, fazer desejar. Ao apresentar sua obra “O Mal-estar na civilização (1930-1931)”, Freud descreve as três fontes de sofrimento (discorridas no primeiro momento do trabalho), nas quais uma a relação com o outro se destaca enquanto maior fonte de mal-estar. Evidenciando nesse sentido, que “todo laço social, é

¹⁵ Termo que mais tarde, em “Análise terminável e interminável” (1937), Freud volta a abordar esse tema e substitui o termo “curar”, mencionado em 1925, pelo termo “analisar”, esclarecendo que a análise é a terceira profissão impossível, faz série com as duas outras: educar e governar (BADIN; MARTINHO, 2018, p. 142).

portanto um enquadramento resultante em uma perda do gozo” (BADIN; MARTINHO, 2018, p. 151), o que quer dizer que os discursos, os quais provêm das profissões impossíveis, são na verdade geradores de mal-estar, enquanto o discurso do capitalista opera por outra lógica, a mais atraente de todas, na medida em que,

surge com uma promessa de felicidade, promessa de que vai resolver o problema da castração no homem. Ao rejeitar a castração este discurso insinua que o homem pode ser completo, sem falta (BADIN; MARTINHO, 2018, p. 151).

No entanto, o tão atraente discurso não se sustenta. Por si só é tão “completo” e fechado que não vaza um sentido, ignorando o sujeito barrado, ou melhor, fazendo com que ele não se dê conta de que é um sujeito (BASTOS, 2011), o transforma em mais uma peça que faz girar o sistema. Ao ignorar esse dito sujeito e este se ignorar enquanto sujeito barrado, o pseudo discurso opera rapidamente, tão rapidamente que passa a consumi-lo.

O sujeito é suprimido pelo discurso, na medida em que é comandado por ele, reforçando o que Lacan (1972) colocou ao falar sobre o discurso capitalista e sua insustentabilidade por sua velocidade, que anda perfeitamente e sem falhas “[...] se consome tão bem que se consuma” (1972, apud KREIN, 2020, p.27).

Lacan (1972) afirma que o que faz com que o discurso capitalista funcione é a mais-valia, o mais-de-gozar, o qual se inscreve como aquilo que se acumula, servindo como parte essencial ao discurso, na medida em que possibilita o gozo de uma intensa satisfação, não fazendo causa ao sujeito (1972, apud KREIN, 2020).

Vale ressaltar que a mais-valia, retrata aqui, é fruto dos estudos de Marx, que denuncia não ser bem como o que queria que pensasse que fosse (bom para o capitalista e para o proletariado), na medida em que,

consiste em uma parte do trabalho que não é remunerada, um trabalho não pago, mas isso se dá de maneira não contabilizada, velada, escamoteada para o proletariado. Ela se dá pela extensão da jornada de trabalho, de maneira imperceptível, além do que lhe é de fato remunerado. É um mais-trabalho que acontece sem que o proletariado se dê conta, pois ele é contratado para trabalhar oito horas, por exemplo, mas sua remuneração corresponde a seis (PENA, 2017, p. 76).

Expresso o grau de exploração pela mais-valia, é traçado uma linha que separa o capital e trabalho, onde se tem a perda de um lado, do trabalhador (escravo) e o ganho de outra, capitalista (mestre). O trabalhador, nessa lógica, tem

de abrir mão de algo que é seu, uma parcela de seu gozo em prol do capitalista. Contudo, ao abrir mão dessa parcela de gozo, o trabalhador na tentativa de recuperá-la, passa a consumir objetos na pura ilusão de tornar-se “novamente” completo. Logo, não por acaso, a mais-valia passa a ser o mais-de-gozar para Lacan (1968-1969), o qual “é a função de renúncia ao gozo pelo discurso” (1968-1969, apud, PENA, 2017, p.77).

O sujeito, é então qualificado por esse mais-de-gozar, que busca pelo objeto a por esse “suplemento de gozo, disponibilizado pelo mercado sob a forma de objetos de gozo, que supostamente restituíram o gozo perdido” (PENA, 2017, p.79). Dessa maneira, o mais-de-gozar,

engendra uma dupla vertente, um paradoxo frente ao gozo, pois ao mesmo tempo que se produz, enquanto função, como uma perda de gozo, se insere como um suplemento para tentar buscar algo desse gozo perdido” (PENA, 2017, p.79).

Ademais, no lugar do mais-de-gozar buscado a partir do consumo de objetos, o sujeito se depara com a ‘falta de gozar’, na medida em que a satisfação da pulsão não pode ser completa, independente do que possa estar em jogo, tendo de ser repetida (PENA, 2017). Nessa lógica, pode-se ir mais longe e pensar que essa satisfação consciente não passa de uma insatisfação inconsciente (DUNCKER, 2017), representada enquanto estratégia usada pelo sistema capitalista para capturar o público no conhecido enquanto “mito de consumismo”, resgatando no sujeito uma repetição do gozo em um ciclo vicioso, em diferentes tempos de sua vida.

2.3 SUJEITO CONTEMPORÂNEO E O CONSUMO

Para questionar-se sobre os fatores que fazem com que esse discurso capitalista haja em tal grau frente a sociedade, nesta sessão importa pensar no sujeito e sua constituição subjetiva nos tempos atuais.

O sujeito concebido pela Psicanálise enquanto sujeito do inconsciente, não é um ser de carne e osso propriamente dito, também não nasce enquanto sujeito, mas se constitui como um a partir da relação com o Outro, o qual o inscreve na linguagem, amarrando-o com significantes através de sua fala, ao passo que vai lhe atribuindo sentido (SBARDELOTTO, et al, 2016).

Esse corpo “inicialmente esfacelado, dá lugar a uma unificação, do mesmo modo que proporciona espaço para o desenvolvimento do Eu” (AMPARO, et al, 2013, p. 506). Para se separar, em um primeiro momento tem de se tornar ‘uno’ a mãe, colar nesse grande Outro.

Nesse sentido, segundo Krein,

há um período de fusionamento com a função materna, no qual esta função tomará o sujeito enquanto objeto de seu desejo, impossibilitando-o num primeiro momento uma posição desejante, essa posição, apesar de confortável implica uma separação para que o sujeito possa tomar a dimensão desejante de si, possibilitando a construção do eu (2020, p. 15).

Aos poucos, mas não sem efeito, percebe-se um corpo em um todo, compilado de fragmentos, diferente deste que lhe servia de colagem. É por meio da separação desse grande Outro que a falta é evidenciada no sujeito desejante, ao passo que é esta mesma falta que o move em direção a realização de seu desejo (LACAN, 1964, apud, SBARDELOTTO, et al, 2016).

Paralelo a isto, através deste processo de separação o sujeito usa de mecanismos para sua constituição por meio de um modelo identificatório, desdobrado na fase de conflitos e ambivalência conhecida como Complexo de Édipo. Na passagem edipiana, em um dado momento se elege uma figura de identificação e outra figura enquanto objeto de investimento pulsional “configurando como um funcionamento reverso entre identificações e escolha de objeto” (FERRO, et al, 2022, p. 1074).

A identificação parte de um objeto externo que dê conta do Ideal do Eu¹⁶, o qual pode ser o pai, em primeiro momento, a quem é dirigida a hostilidade e depois, redimindo, é colocado em lugar de lei. Como visto no mito parricida mencionado no primeiro capítulo, com o assassinato do pai a lei simbólica é instaurada, marcando a impossibilidade de acesso ao gozo absoluto, trazendo a castração e fundando a falta no sujeito. Logo,

A perda oriunda da inscrição no simbólico será a mola do desejo visto que mantém aberta uma fenda que o sujeito tentará, constantemente, tamponar na tentativa de dar conta de sua falta-a-ser e se estabelecer na cultura

¹⁶ Segundo estudo de Lewkovitch e Grimberg (2016): “No ensino de Lacan, o eu ideal é uma instância imaginária, a imagem no espelho, uma projeção. Para que essa imagem se constitua, no entanto, é necessário que o olho, no esquema óptico, esteja em certa posição em relação ao espelho, ou seja, que o sujeito se situe em uma posição no simbólico. O modelo simbólico que guiará essa projeção é o Ideal do eu, que se constitui em uma introjeção” (LEWKOVITCH; GRIMBERG, 2016, p.1193-1194) Logo, o Eu ideal é uma instância imaginária, o Ideal do eu é uma instância simbólica (DUNKER, 2016).

como um sujeito inscrito no regime da castração, barrado do acesso ao gozo (QUINTELLA, et al., 2017, p. 225).

É a partir das violências necessárias, e uma boa dose de mal-estar, com os quais o sujeito é banhado através da castração que o descolamento - da mãe - e subjetivação são possíveis, ascendendo um sujeito desejante marcado e movido pela falta, que também lhe é constituinte, não mais as sombras do Outro, também faltante.

Ademais, no cenário contemporâneo atual, o sujeito, mais que nunca, tenta tamponar a falta que lhe constitui. É na relação com o outro que o sujeito percebe-se, enquanto faltante, informação dispensável ao discurso capitalista, o qual tem o objeto em seu lugar (do outro), um objeto predisposto (produtos e gadgets) a satisfazer o sujeito, que goza, temporariamente, ao adquiri-lo. Logo, o discurso capitalista parece cair feito uma luva, na medida em que, como discorrido acima, a relação é do saber com objetos, supostamente desejáveis, para o sujeito faltante, onde o outro passa a ser o saber, o saber científico.

Cabe ressaltar, que o saber da ciência ao qual se refere aqui, não é o da “investigação científica praticada pelo cientista” a esse se tem grande consideração enquanto função social, mas o discurso da ciência. O último, por outro lado, “com caráter de (suposta) certeza que sustenta, ratifica muitas ações e atitudes humanas, mesmo que essa ratificação, em alguns casos, não seja legítima” (CARVALHO, 2013, p. 567).

Seguindo a exposição de Carvalho (2013) um dos efeitos sociais desse discurso de suposta certeza na contemporaneidade consiste na torção do significante, o qual deveria ocupar um lugar aberto pelo Nome-do-pai¹⁷, mas dispõe-se, ao contrário, a recobri-lo.

Isso diz de uma época em que, segundo apontamentos de Jerusalinsky (2022), o ser humano é guiado desde cedo por uma dinâmica educativa que tem por base uma lógica de adestramento, que o submete e não o instiga. Entre castigos e premiações, o objeto passa a estar em jogo desde os primeiros momentos e ser o centro e única possibilidade da criança e, mais tarde o adulto, poder gozar. Gozo este que diz de uma renúncia, mas não diz de um esquema de amarração

¹⁷O Nome-do-pai segundo Carvalho (2013) é o que se instala no lugar aberto pelo pela morte do pai (simbólico); o significante inscrito “que apenas suporta o ser na falta, no furo estrutural inevitável a subjetividade “ (CARVALHO, 2013, p. 569).

estruturante, é vazio, não preenche como promete, e também não o impulsiona a novas realizações enquanto um sujeito subjetivo.

Como cita Jerusalinsky (2022), na 9ª Roda de Conversa da Rede Bebê, compartilhando um de seus casos clínicos em que um menino que chega ao seu consultório e compartilha a notícia que não usa mais fraldas, mostrando sua cueca com super-heróis. Nesse momento a psicanalista brinca dizendo que o menino agora tem super poderes, "controlar o xixi". Isso diz de uma apropriação simbólica e imaginariamente de seu corpo, não se trata de uma criança que está respondendo a comandos, se submetendo a uma adaptação vazia.

Na atualidade topa-se com crianças que como afirma Jerusalinsky (2022): "se adaptam, mas não se estruturam", e quando isso acontece de uma maneira vazia, na primeira curva da vida em que essa criança se angustiar, não tem aparatos psíquicos para dar conta de uma frustração. A criança referida no caso clínico ao contrário, se apropriou de sua experiência, o que se evidencia em um dado momento em que interrompe a brincadeira para ir fazer xixi. Afinal, qual criança quer parar sua brincadeira para ir ao banheiro? interroga-se a psicanalista, pois do ponto de vista pulsional imediato isso se trata de uma desvantagem, mas esse ato só vale a pena se articulado a um prazer pelo qual a criança pode se sentir orgulhosa em realizar algum ideal.

No pensamento contemporâneo, segundo Jerusalinsky (2022) o que importa são os objetos e não os ideais por trás da experiência de apropriação. E por isso que o prazer como estruturante da função, ao qual se referiu Bergés (1988) em sua memorável obra "A função estruturante do prazer", implica renúncias reais da função em nome de um ganho simbólico - em Nome-do-pai. Isso vai permitir que uma criança se aproprie desejosamente de suas realizações e não que caminhe pelo mundo simplesmente de um modo puramente vazio e adaptativo, apagado subjetivamente.

Hodiernamente o que se produz em termos de cultura para criança é uma realidade do "ter" para "ser". O objeto passa ao centro, não deixando espaço para as relações, e o vir-a-ser. Esta relação com o objeto, adquire proporção no momento em que a relação do sujeito com o Outro ou outros se desloca para uma relação com os gadgets, dentro de uma lógica capitalista. A apreensão se apresenta pois o desejo, bem como, o laço na relação, infere da falta para que ocorra a renúncia pulsional, quando isto não acontece, pode-se notar o sofrimento por meio da

sintomatização, estes sintomas advindos da relação com os gadgets se apresentam vazios, não existe uma demanda, pois não existe troca (GOMES, 2021).

2.4 CONSUMIR OU CONSUMIR-SE?

Em uma posição de passividade frente ao discurso capitalista, o sujeito “se vê consumido por elementos do gozo, enterrado com objetos que tomam o seu lugar, consentindo com o rechaço da castração, passando a existir o ídolo capitalista, a produção de objetos” (KREIN, 2020, p. 28).

Bombardeado diariamente pela mídia que, além de prometer o acesso à felicidade e satisfação, vai cada vez mais longe ao vender ao sujeito a perfeição em forma de aquisição de produtos e status sociais (TEIXEIRA; COUTO, 2010). Com a internet e os avanços crescentes da tecnologia, mexer com a cabeça do consumidor ficou ainda mais fácil, bastando um “click” para que a imagem de um produto esteja na tela de milhões de pessoas que passam a querer consumi-lo (CORDEIRO, et al., 2022).

Nesse sentido, o documentário “O Dilema das Redes”, lançado em 9 de Setembro de 2020, apresenta a visão de diferentes especialistas responsáveis e envolvidos na indústria da tecnologia, a respeito de suas próprias experiências profissionais. Em seus relatos, revelam como a indústria da tecnologia consegue ter tanta influência sobre a população, na medida em que colocam que, por trás das telas estão ‘gênios transformadores de pensamentos’, ou seja, profissionais que trabalham nas redes e estão em constante aperfeiçoamento para tornar a tecnologia mais persuasiva. Se estuda como prender o máximo possível a atenção das pessoas e quanto tempo da sua vida pode ser gasto frente a tela. Para isso, através de *algoritmos*¹⁸, que são programados para apresentar o que é mais relevante para cada usuário no momento em que se conecta, os criadores dos serviços conseguem manipular os ajustes conforme o que se vê como interesse e necessidade de cada um, se beneficiando com isso a cada click. Logo, o foco das

¹⁸ Os algoritmos são códigos computacionais que realizam a coleta de dados pessoais de cada dispositivo tecnológico ligado à grande rede de internet, mas não somente coletam como, extraem estes dados pessoais e analisam, com objetivo de mapear o comportamento humano (MEIRELES, 2021).

redes está no produto e que o produto é o ser humano, são os usuários (ORLOWSKI, 2020).

No documentário referido acima, pode-se entender que a internet assume o lugar de mestre que comanda o gozo, pois mostra ao sujeito apenas objetos que ele deseja ver. O sujeito alienado a montagem desse capital, passa a tomar os objetos com um valor a mais do que apenas suprir suas necessidades. Logo, ao adquirir determinada mercadoria ou produto exposto, o sujeito não adquire apenas uma objeto real, mas um lugar social que pode gozar (KREIN, 2020).

Com base no documentário citado acima, pode-se perceber que este sujeito alienado passa a se encontrar em uma “bolha”, efeito dos algoritmos, que dentro deste universo midiático incentivam o consumo, na medida em que apresentam tudo aquilo que é de interesse desse sujeito, excluindo objetos ou práticas que não possuem relevância a ele (ORLOWSKI, 2020).

Dentro dessas bolhas se perpetuam padrões, muitas vezes, inalcançáveis, de vida. Os influenciadores digitais, são um exemplo disso, pessoas que através de postagens na internet, são capazes de influenciar comportamentos e pensamentos nos demais indivíduos que fazem parte de sua audiência (ORLOWSKI, 2020).

Isto abre espaço para expor algo que não necessariamente é vivido de forma franca por estas pessoas, que podem ser pensadas como líderes de massas, criando estes padrões de consumo inalcançáveis, que mostram uma felicidade contínua inexistente.

Algumas bolhas midiáticas nesse sentido, perpetuam pensamentos de corpos perfeitos e padrões a serem seguidos a partir de discursos patrocinados pelo capitalismo do consumo, passando de objetos propriamente ditos, a objetificação¹⁹ de corpos no real, em busca de um gozo advindo deste status social de prestígio.

A modelo, dançarina e influenciadora, Andressa Urach, é um exemplo vivo de objetificação do corpo no capitalismo dito vigilante²⁰. Internada durante pouco menos de um mês na unidade de terapia intensiva (UTI) do Hospital Conceição (GHC) em Porto Alegre, a modelo retorna tempo depois com ferimentos causados

¹⁹ O termo objetificar segundo Santos e Curpel (2021) diz de: “colocar um indivíduo ao nível de objeto, sem considerar outros atributos, como emocionais e/ou psicológicos” (SANTOS; CURPEL, 2021, *online*).

²⁰ Segundo a visão de especialistas que participaram do documentário “O Dilema das Redes” (2020), vive-se em meio a um capitalismo de vigilância, onde se tem um rastreamento infinito que prevê para onde se quer ir, os vídeos que se quer assistir, bem como os tipos de emoções mexem com os usuários.

por complicações em decorrência de aplicações de hidrogel²¹ em seus membros inferiores, que resultaram em uma drenagem cirúrgica para a retirada do material que havia sido colocado há cerca de cinco anos atrás. O estado de Andressa foi classificado na época como grave, tendo de respirar com auxílio de aparelhos.

Após ter afirmado em entrevistas que não faria mais cirurgias, Urach retorna aos procedimentos estéticos no presente ano (2023), aderindo a Lipoaspiração. Assim,

na contemporaneidade, o corpo, que adquire sentido no parecer e não no ser, tem valor simbólico e, conseqüentemente, valor de troca. Esse corpo da mediação não deixa de ser um corpo descorporizado, na medida em que o que “exprime” é justamente um corpo “perfeito” e belo, jovem, leve, quase sem “peso”, livre de rugas, isto é, um corpo que parece ignorar suas próprias marcas constituintes (ZORZAN; CHAGAS, 2011, p. 162).

Ao optar por virar um objeto da fama, Urach passa a ser um objeto engendrado por esse sistema, do consumo passa a ser consumida, vira a própria mercadoria do mercado. O seu corpo enquanto resultado da cultura, passa a ser objeto e, “como todo objeto, sujeito a ser construído, formatado, reparado e esculpido” (FORMIGA, 2003, apud, ZORZAN; CHAGAS, 2011, p. 163).

Logo, enquanto um objeto público e consumível, o corpo passa a ter participação na subjetividade, aqui em especial, quanto a identificação de qualidades corporais atribuídas ao sucesso social (COSTA, 2004, apud, ZORZAN; CHAGAS, 2011). Dessa forma, na atualidade o corpo belo, comedido por ideias de perfeição passa a ser vinculado a ideia de felicidade e status social, reforçados pela mídia através do endeusamento da imagem padrão de prestígio e aceitação social. O resultado disso passa a ser uma batalha a qual milhões de mulheres passam a travar com o seu próprio corpo, buscando transformá-lo incessantemente a cada nova atualização lançada pelo discurso, que, enquanto predominantemente dita o que deve ser valorizado pela sociedade contemporânea, ao mesmo tempo que oferece produtos e técnicas de beleza para que possa ajustar-se ao corpo que está na moda, que como cita Zorzán e Chagas (2011) “nada mais é que um corpo vítima

²¹ Feito de uma substância chamada poliacrilamida, o hidrogel pode ser aplicado para aumentar partes do corpo, como pernas e glúteos, e preencher linhas faciais, mas seu uso vem diminuindo. Segundo Denise Steiner, presidente da Sociedade Brasileira de Dermatologia, em entrevista para a revista VEJA, coloca que as substâncias preenchedoras podem causar complicações de dois tipos principais, alérgica ou infecciosa. A primeira acontece quando o organismo identifica a substância como um corpo estranho e tenta eliminá-la. Quanto mais tempo ele permanece no organismo, maior o risco de causar o segundo tipo de complicação: a infecção, com no caso de Urach.

da moral de consumo de uma sociedade capitalista” (ZORZAN; CHAGAS, 2011, p.175).

Quanto a essa sociedade Zorzán e Chagas (2011) ainda acrescentam que,

Em uma sociedade na qual se difunde constantemente a ideia de que consumir produtos e técnicas que viabilizam atingir o corpo da moda é o passaporte para o bem-estar e a felicidade, a partir dos quais encontramos mulheres que adoecem diante do fascínio proporcionado pelas imagens de belos corpos que nem ao menos correspondem à realidade (ZORZAN; CHAGAS, 2011, p. 169).

Ante ao exposto, pode-se entender que o sujeito, nessas condições, tem seu sofrimento guiado pela busca incessante de alcançar algo inalcançável, usufruindo de objetos e objetificando-se, com o intuito de ocupar um lugar “vazio”, impossível de ocupar. Assim, tal busca da mulher pela imagem de um corpo supostamente perfeito, pode estar relacionada ao desejo de capturar o olhar do outro para si, ao passo que, em conformidade com Almeida et al. (2006) atrair esse olhar poderia estar ligado a tentativa de preenchimento do vazio deixado na infância, na tentativa de suprir a falta do objeto perdido (objeto a) com o olhar do outro (2006, apud, ZORZAN; CHAGAS, 2011).

Quanto a isso, como expressa Ortega (2005) referindo-se a sociedade do espetáculo²², “os indivíduos supririam com imagens aquilo de que carecem na sua existência real” (2005, apud, ZORZAN; CHAGAS, 2011, p. 177). Logo, a espetacularização de tal sociedade passa a tomar a imagem como realidade e a realidade como imagem, concomitantemente. Todavia, como sinaliza Zorzán e Chagas (2011) a imagem é apenas uma abstração da realidade, abstração esta que na sociedade espetacular torna-se também alienação do mundo.

A respeito desta alienação Debord (1997) versa:

A alienação do espectador em favor do objeto contemplado (o que resulta de sua própria atividade inconsciente) se expressa assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo. Em relação ao homem que age, a exterioridade do espetáculo aparece no fato de seus próprios gestos já não serem seus, mas de um outro que os representa por ele. É por isso que o espectador não se sente em casa em lugar algum, pois o espetáculo está em toda parte (1977, apud, ZORZAN; CHAGAS, 2011, p. 177).

²² De acordo com Debord (1997): “na ‘sociedade do espetáculo’, os atos precisam ser visualizados e, se possível, estimados por muitas pessoas. Para tanto, torna-se necessário espectadores para avaliar o espetáculo, fato que rende às imagens um lugar privilegiado” (1997, apud, ZORZAN; CHAGAS, 2011, p. 177).

Nesse sentido, recorre-se ao viés psicanalítico lacaniano, o qual sustenta-se na aposta no sujeito do desejo, responsabilizado por suas escolhas, para apresentar possibilidades de enfrentamento da problemática gerada pelo discurso capitalista. Para quebrar essa lógica de apagamento do sujeito e rechaço a castração, vale-se do discurso do analista para promover o (re)aparecimento do sujeito barrado (TEIXEIRA; COUTO, 2011).

No discurso do analista ao contrário do sensacionalista, o sujeito passa a produção do saber, enquanto o analista coloca-se em posição de causa-do-desejo - sem encarna-la - de maneira a designar o sujeito do inconsciente como o único que pode produzir um saber sobre a sua verdade, mesmo que “aos pedaços, pela metade” (TEIXEIRA; COUTO, 2010, p. 590). Nessa lógica de discurso clínico que a possibilidade de retirada dos produtos e gadgets enquanto objeto-tampão da falta constituinte do sujeito, abrindo possibilidades de lidar com seus furos e impossibilidades, quebrando o ciclo de repetição do gozo dos objetos de consumo (TEIXEIRA; COUTO, 2010).

É na hiância²³ que o desejo se localiza, nunca jamais, na completude e satisfação (isso diz da morte). Logo, fazer valer o desejo diz justamente de considerar a incompletude, a castração, o que movimenta esse sujeito, na mesma medida em que retira-o “do perigo de tentar funcionar na contramão do impossível da satisfação plena, liberando-o das estratégias insaciáveis da busca do gozo total” (TEIXEIRA; COUTO, 2010, p. 590).

Posto isto, pode-se entender que é no impossível que abre-se a possibilidade do sujeito sair do aprisionamento que o capitalismo o engendra, incitando a completude por meio do consumo desenfreado de objetos que pode levá-lo a sua ruína. A Psicanálise, por outro lado, compreende que o sujeito, mesmo engolfado pelo discurso capitalista, é capaz de se rebelar contra o consumo e a objetificação. Logo, a aposta que o psicanalista faz é que o sujeito possa confrontar-se com a falta existencial, não ignorá-la em busca de novos objetos para lhe servir de tampão.

²³ Termo oriundo da psicanálise que significa o intervalo entre o que não existe e o que está prestes a existir; um espaço subjetivo e temporal que abriga alguma coisa ainda não realizada ou inexistente (OFICINAS CULTURAIS, *online*).

Sendo assim, a clínica psicanalítica lacaniana frente ao capitalismo, convoca o sujeito a libertar-se da cultura do consumo excessivo e suas promessas - que na verdade coloca-o nos universalismos de satisfação - para (re)abertura de sua particularidade enquanto sujeito do desejo (TEIXEIRA; COUTO, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se propôs, de modo geral, a desdobrar o processo de constituição do sujeito, concebido pela Psicanálise enquanto sujeito do inconsciente, desamparado e faltante, subjetivado e desejan-te, frente a lógica do capitalismo atual. O que longe de ser uma tarefa fácil, resultou em um complexo percurso de elaboração, o qual não se esgota visto a temática em um todo e as possibilidades de abertura para além das desenvolvidas na presente escrita.

Ademais, por meio dessa construção pode-se traçar uma linha para pensar o sujeito atravessado pelo social e seus efeitos, desde sua forma mais primitiva à civilizada que se encontra nos dias atuais, configurada enquanto a cultura do consumo. Para isso foi necessário considerar o sujeito e seu processo de estruturação perpassado pela História, modificado em cada período conforme o produzido pelos sujeitos como necessário para circular pela sociedade e sua organização vigente naquele momento.

A compreensão da organização social enquanto primitiva foi construída através das obras de Sigmund Freud intituladas: “O Futuro de uma Ilusão” (1927) e “Mal-estar na civilização” (1930-1931), trazendo em seus ensinamentos elementos importantes para pensar a culpa enquanto marca da passagem de um tempo para outro e os efeitos produzidos no sujeito. Vale ressaltar que o mito parricida de Freud, não corresponde a um tempo verídico, mas as lentes da Psicanálise o consideram como um tempo fundante e fundamental para compreender esse processo de passagem da cultura para a ontogênese (relação ambivalente entre pai e filho, persiste nas gerações seguintes como o conhecido Complexo de Édipo) e para pensar a estruturação psíquica em uma dinâmica coletiva.

No peculiar processo de civilização, as renúncias de pulsões individuais em prol do coletivo passaram a ditar os limites e possibilidades de existência de uma sociedade regulada não mais pela força, mas pela culpa em conformidade com as regras do agente crítico da consciência, o Superego. O sujeito passa então a responder a um agente externo (o pai) e um agente interno (o Superego) ainda mais severo, além do Superego entendido enquanto cultural que considera as relações entre os seres humanos sobre preceitos éticos.

Dessa forma, os esforços do princípio do prazer - que controla o propósito da vida do sujeito e domina seu aparelho psíquico desde o início - em obter prazer pela felicidade, são limitados frente às restrições da realidade. Com a influência do mundo externo, tal princípio é transformado em princípio da realidade, objetivando evitar o sofrimento, o qual Freud (1927) descreve enquanto três principais fontes: fragilidade dos corpos, a força da natureza e a relação com o outro.

Como meio de tentar defender-se do sofrimento observa-se que o sujeito passa a buscar mecanismos de defesa. A sublimação nesse sentido, passa a ser uma forma de “libertar-se” desse sofrimento por meio do desvio do alvo da pulsão, numa espécie de controle pulsional. A religião por outro lado, como importante força social da civilização, funciona enquanto forma de escapismo da realidade e negação das limitações e sofrimento inerente à existência humana, oferecendo-se como ilusão reconfortante de um poder superior cuidará da vida e frustrações do homem, tornando sua vida mais tolerável.

Sendo assim, a realidade experimentada evidencia a proximidade da infelicidade e o distanciamento da tão almejada felicidade, possível apenas enquanto fenômeno episódico como esclarecido por Freud (1930-1931). Hodiernamente, informações como estas parecem ser ignoradas e rejeitadas. O atual sistema capitalista, como seu discurso sensacionalista e alienante, busca “derrotar” o distanciamento propondo que a felicidade esta ao alcance, via consumo de objetos.

Operando por outra lógica que não as descritas por Lacan (1969) para os demais discursos organizadores do laço social, o “discurso” denominado capitalista parece ser o mais atraente de todos. Isso porque surge enquanto promessa de resolver a vida do homem, forcluindo sua castração na medida em que insinua que este pode ser completo e sem falta, basta consumir!

No entanto, percebe-se que o tão atraente discurso não se sustenta, na medida em que por si só é fechado, completo, não vazando um sentido, ignorando o \$. Desta forma, o sujeito subjaz alienado a sua lógica de (suposta) certeza, ignorar-se enquanto único e subjetivo. Logo, o pseudo discurso não pode ser legitimado, ao passo que não faz laço com o outro, mas sim com o objeto a (causa-de-desejo) enquanto produtos e gadgets, frutos do casamento do saber científico com o capital como afirma Pereira et al. (2019).

Como resultado dessa “dialética”, é possível observar o aumento de casos problemáticas advindas do contato da criança com o objetos, dificultando ou privando-a de experiências que a instigam e não apenas a submetem, como versa Jerusalinsky (2022), enquanto uma criação que tem por base uma lógica de adestramento. Nesse cenário, o que se produz em termos de cultura para uma criança na atualidade, é uma realidade do “ter” para “ser”, onde o objeto passa ao centro, não deixando espaço para as relações, e o vir-a-ser.

Para além das relações da nova geração com os objetos, outra importante problemática possível de observação no desenvolvimento do presente trabalho encontra-se na comercialização dos corpos, ou melhor, em sua objetificação. O caso de Andressa Urach é um grande exemplo para pensar a objetificação do corpo no capitalismo de vigilância, evidenciando a busca incessante do consumo ao arriscar sua vida para atingir o inatingível, o corpo perfeito da sociedade dita do espetáculo, onde a imagem passa a ser confundida com a própria realidade.

Ao perder-se em sua subjetividade é a dimensão corporal do sujeito que que passa a ser a maior vítima da moral de consumo da atual sociedade, como aponta Zorzan e Chagas (2011) ao falar do potencial de adoecimento presente desde essa lógica alienante de (in)satisfação que acomete milhares de mulheres que buscam pelo corpo supostamente perfeito. Haja vista, que quanto mais o sujeito se reconhece na necessidade, menos se compreende sua existência e desejo.

Entende-se que é no intervalo (entre o que não existe e o que está prestes a existir) que o desejo se localiza, não sem sua completude e satisfação. Logo, com base nas considerações de Teixeira e Couto (2010) é justamente na incompletude que se faz valer o desejo, na sua impossibilidade de acesso à satisfação plena. Para tanto, conclui-se que é no impossível que se abre a possibilidade do sujeito sair do aprisionamento que o capitalismo engendra.

Isso posto, não busca-se apresentar com essa escrita uma forma de solução frente a cultura do consumo excessivo, mas como um caminho possível de seguir. Visto que, em uma direção contrária ao que propõe o sistema capitalista, na clínica psicanalítica não se promete a completude, mas se coloca enquanto causa-do-desejo - não encarnado - de maneira a designar o (re)aparecimento do sujeito do desejo, único que pode produzir um saber sobre a sua verdade, mesmo que pela metade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Felipe Barata. TOTEM E TABU: NOTAS SOBRE PARRICÍDIO E FICÇÃO. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 22, n. 2, p. 228–236, maio 2019.

AMPARO, Deise Matos do; MAGALHAES, Ana Cláudia Reis de; CHATELARD, Daniela Scheinkman. O corpo: identificações e imagem. **Rev.Mal-Estar Subj**, Fortaleza, v. 13, n. 3-4, p. 499-520, dez. 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext;pid=S1518-6148201300020003;lng=pt;nrm=iso>. acessos em 13 nov. 2023.

Andressa Urach e o preço da busca imprudente pela beleza. **Revista Veja (online)**, 2015. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/cultura/andressa-urach-e-o-preco-da-busca-imprudente-pela-beleza>>. Acesso em 01 nov. 2023.

BADIN, Rayssa; MARTINHO, Maria Helena. O discurso capitalista e seus gadgets. **Trivium**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 140-154, dez. 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext;pid=S2176-4891201800020003>. acessos em 15 nov. 2023.

BASTOS, Flávio Corrêa Pinto. **O Discurso Do Capitalista E a Cultura Do Mal-estar**. 2010. Disponível em : https://www.bdt.d.uerj.br:8443/bitstream/1/14616/1/Dissert_Flavio%20Bastos.pdf. Acesso em 2 nov. 2023

CORDEIRO, Leonardo Húngaro; SANTOS, Lorena Caroline Romano; SILVA, Renan Sarto da; GOMES, Geni Col. UM OLHAR PSICANALÍTICO SOBRE A INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NA CONSTITUIÇÃO DA AUTOIMAGEM DO ADOLESCENTE. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 8, n. 11, p. 1368–1381, 2022. DOI: 10.51891/rease.v8i11.7729. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/7729>.

FERRO, Angelo Luiz; Oliveira, Leonardo Adriano Costa; Caramalac, Rosilene; ; Souza, Italo de. (2022). Uma leitura psicanalítica do consumo e do esvaziamento do sujeito. **Conjecturas**, 22(18), 1073–1087. Disponível em: <<https://conjecturas.org/index.php/edicoes/article/view/1730>>. Acesso em 06 nov. 2023.

FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu e outros trabalhos**. (1913-1914). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Volume XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **O Futuro de uma Ilusão, o Mal-Estar na Civilização e outros trabalhos**. (1927-1931). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GOMES, Marina Cardoso de Jesus e GOMES, Amandio de Jesus. Sobre o colapso da objetividade no discurso do capitalista. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica** [online]. 2021, v. 24, n. 2 [Acessado 27 Novembro 2023], pp. 78-87. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1809-44142021002006>>. Epub 22 Out 2021. ISSN 1809-4414. <https://doi.org/10.1590/1809-44142021002006>.

HIÂNCIA (exposição de artes visuais), Oficinas Culturais, 2023 Disponível em: <https://oficinasulturais.org.br/atividade/hiancia/>. Acesso em: 2 Dez. 2023.

JUNQUEIRA, Camila; COELHO JUNIOR, Nelson Ernesto. Considerações acerca da ética e da consciência moral nas obras de Freud, Klein, Hartmann e Lacan. **Psychê**, São Paulo , v. 9, n. 15, p. 105-124, jun. 2005 . Disponível em<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext;pid=S1415-11382005000100009;lng=pt;nrm=iso>. acessos em 13 out. 2023.

KREIN, Carline Engel. **O consumir que con(some): as toxicomanias como produto do discurso capitalista**. (2020). Recuperado de: <<https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/bitstream/handle/123456789/7007/Carline.>>

LACAN, J. (1992). **O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Original publicado em 1969-1970).

LEVIN, Esteban. O desenvolvimento psicomotor diante da modernidade. **Estilos clin.**, São Paulo , v. 5, n. 8, p. 147-155, 2000 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext;pid=S1415-71282000000100012;lng=pt;nrm=iso>. acessos em 21 nov. 2023.

LEWKOVITCH, Andréa Di Pietro; GRIMBERG, Angélica Bastos de Freitas Rachid. A atualidade dos conceitos freudianos de eu ideal, Ideal do eu e supereu. **Estud. pesquis. psicol.**, Rio de Janeiro , v. 16, n. spe, p. 1189-1198, dez. 2016 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext;pid=S1808-42812016000400008;lng=pt;nrm=iso>. acessos em 21 nov. 2023.

MAQUINOFATURA. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/maquinofatura/>. Acesso em: 29/11/2023.

MACÊDO, Kátia Barbosa. O desamparo do indivíduo na modernidade. O social como instância problemática, **ECOS**, n.1, V.2, p. 94 - 107. Maio, 2012.

MEIRELES, Adriana Veloso. Algoritmos e autonomia: relações de poder e resistência no capitalismo de vigilância. **Opinião Pública**, v. 27, n. 1, p. 28–50, jan. 2021

MOURA, Roldão Alves De. CONSUMO OU CONSUMISMO: UMA NECESSIDADE HUMANA?. **Revista da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo, [S. l.]**, v. 24, n. 1, p. 14, 2018. Disponível em: <https://revistas.direitosbc.br/fdsbc/article/view/931>. Acesso em: 02 nov. 2023..

Os 4 discursos de Lacan, Christian Dunker, Falando nlso 82 - Christian Dunker- 2017. (11:45 min) - Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=FAPE8-L8orE>. Acesso em: 19 nov. 2023.

O que é objeto a em Lacan, Christian Dunker, Falando nlso 38 - Christian Dunker- 2016. (05:55 min) - Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=zGD5Z5LBDW8> . Acesso em: 19 nov. 2023.

Qual é a diferença entre “Eu Ideal” e “Ideal do eu”?, Christian Dunker, Falando nlso 49 - Christian Dunker- 2016. (05:00 min) - Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=vUTCNuAgL6I:t=189s>. Acesso em: 20 nov. 2023.

ORLOWSKI, Jeff. **The Social Dilemma (O dilema das redes)**. Dirigido por Jeff Orlofski. Estados Unidos da América: Netflix, 2020. 89 min.

PENA, Breno Ferreira. Desejo roubado: capitalismo contemporâneo e mais-de-gozar. **Reverso**, Belo Horizonte , v. 39, n. 74, p. 75-81, dez. 2017 .
 Disponível em:
 <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext;pid=S0102-73952017000200010;lng=pt;nrm=iso>. acessos em 14 nov. 2023.

PEREIRA, Luiz Felipe Lima et al. Consumir e consumir-se: gozo e capitalismo na contemporaneidade. **Rev. Subj.**, Fortaleza , v. 19, n. 3, p. 1-11, dez. 2019 .
 Disponível em
 <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext;pid=S2359-07692019000300007;lng=pt;nrm=iso>. acessos em 02 nov. 2023.
<http://dx.doi.org/10.5020/23590777.rs.v19i3.e7400>.

QUINTELLA, Rogerio Robbe et al . A função do consumo na constituição do sujeito e sua relação com as compulsões: de Freud à atualidade. **Cad. psicanal.**, Rio de Janeiro , v. 39, n. 36, p. 221-241, jun. 2017 . Disponível em
 <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext;pid=S1413-62952017000100012;lng=pt;nrm=iso>. acessos em 20 nov. 2023.

Rodas Rede-Bebê 2022: A construção do corpo do bebê e a função estruturante do prazer - Org. Rede Bebê - 2022. (02:09:38 min) - Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?app=desktop:v=lyeo8nCq6ug>. Acesso em: 22 nov. 2023.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

REZENDE, Milka de Oliveira. "Proletariado"; **Brasil Escola**. Disponível em:
<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/proletariado.htm>. Acesso em 26 de novembro de 2023.

ROSA, Márcia. (2010). Jacques Lacan e a clínica do consumo. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 157-171. Disponível em
 <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext;pid=S0103-56652010000100010;lng=pt;nrm=iso>. acessos em 02 nov. 2023.

TOREZAN, Zeila C. Facci; AGUIAR, Fernando. O sujeito da psicanálise: particularidades na contemporaneidade. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza , v. 11, n. 2, p. 525-554, 2011 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext;pid=S1518-6148201100020004;lng=pt;nrm=iso>. Acesso em: 01 nov. 2023.

SBARDELOTTO, Luciane; FERREIRA, Daniele; PERES, Maria Ines Luzzi; OLIVEIRA, Ana Maria Moreno de. A Constituição do sujeito na psicanálise. **Akrópolis Umuarama**, v. 24, n. 2, p. 113-129, jul./dez. 2016. Disponível em: <<file:///C:/Users/IGOR/Downloads/admin,+6331-19968-1-CE.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2023.

SILVA, Jose Adailton Barroso; VIEIRA, José Daniel; GRAÇA, Rogério Freire; RODRIGUES, Auro Jesus. Uma breve história sobre o surgimento e desenvolvimento do capitalismo. **Caderno de Graduação - Ciências Humanas e Sociais - UNIT - SERGIPE**, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 125–137, 2015. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/cadernohumanas/article/view/1950>. Acesso em: 05 nov. 2023.

TEODORO, Elizabeth. Fátima; SIMÕES, Alexandre; GONÇALVES, Gesianni Amaral. Psychic Suffering Nowadays: from Gadgets to the Consumed Subject. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 35, p. 35437, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102.3772e35437>>. Acesso em: 13 Nov. 2023.

TEIXEIRA, Vanessa Leite ; COUTO, Luís Flávio Silva. A cultura do consumo: uma leitura psicanalítica lacaniana (2010). **Psicologia Em Estudo**, 15(3), 583–591. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/pSw98rvx5VmLVpVqMwyjwKH/#>> :>. Acesso em: 12 de nov. 2023.

ZORZAN, Fernanda Saldanha; CHAGAS, Arnaldo Toni Sousa das. Espelho, espelho meu, existe alguém mais bela do que eu?: Uma reflexão sobre o valor do corpo na atualidade e a construção da subjetividade feminina. **Barbaroi**, Santa Cruz do Sul , n. 34, p. 161-187, jun. 2011 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext;pid=S0104-65782011000100010;lng=pt;nrm=iso>. acessos em 26 nov. 2023.